

Clark Ashton-Smith

ABANDONADOS EM ANDRÔMEDA

12/2012

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Clark Ashton-Smith

**ABANDONADOS
EM ANDRÔMEDA**
(Marooned in Andromeda)

tradução de
José Geraldo Gouvêa

Este livro eletrônico foi disponibilizado pelo blogue literário [Letras Elétricas](#), de José Geraldo Gouvêa, por uma licença Creative Commons SA-BY-NC-ND, versão 3.0, com a condição de que esta caixa de texto contendo a “atribuição” não seja removida de nenhuma cópia compartilhada.

Copyright da tradução © 2013 by José Geraldo Gouvêa.

Original encontra-se em domínio público segundo a legislação do país de origem. Publicada em 1930, autor falecido em 1961, direitos autorais não renovados durante a vida do autor.

Traduzido a partir de <http://www.eldritchdark.com/writings/short-stories/125/marooned-in-andromeda>

Imagem da Capa: "Paisagem alienígena", por [Drombyb](#).

Você tem a liberdade de **compartilhar** — copiar, distribuir e transmitir a obra. Sob as seguintes condições:

Atribuição — Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante (mas não de forma que sugira que concedem qualquer aval a você ou seu uso da obra).

Uso não comercial — Você não pode usar a obra para fins comerciais.

Vedada criação de obras derivadas — Você não pode alterar, transformar ou criar em cima desta obra.

Ficando claro que:

Renúncia — Qualquer das condições acima pode ser [renunciada](#) se você obtiver permissão do titular dos direitos autorais.

Domínio Público — Onde a obra ou qualquer de seus elementos estiver em [domínio público](#) sob o direito aplicável, esta condição não é, de maneira alguma, afetada pela licença.

Outros Direitos — Não são de maneira alguma afetados pela licença os direitos morais do autor e os direitos que outras pessoas possam ter sobre a obra ou sobre a utilização da obra, tais como direitos de imagem ou privacidade.

Aviso — Para qualquer reutilização ou distribuição, você deve deixar claro a terceiros os termos da licença a que se encontra submetida a obra. A melhor maneira de fazer isso é um link para [esta página](#).

“Camaradas, eu os desembarcarei no primeiro mundo do primeiro sistema planetário que encontrarmos.”

A gélida determinação das palavras do Capitão Volmar era mais terrível do que qualquer demonstração de ira poderia ter sido. Seus olhos estavam frios e duros como gemas de safira sobre a neve e havia um rigor fanático no endurecimento de seus lábios após cada palavra pronunciada com rudeza.

Os três amotinados olharam sombriamente um aos outros e depois ao capitão, mas nada disseram. O automatismo equilibrado de Volmar e dos três outros membros da tripulação do transporte espacial faziam todo apelo ou argumento parecer absurdo. Eles sabiam que não poderia haver qualquer abrandamento de sua parte, austero marinheiro dos vácuos interestelares que sonhara em circunavegar o espaço e se tornar assim o Magalhães das constelações.

Por cinco anos dirigira a grande embarcação mais e mais longe da Terra e do sistema solar, que haviam ambos diminuído há muito até se tornarem pontos de luz nos telescópios — por cinco anos ele a movera em frente mais rápido que a velocidade dos raios cósmicos, através da noite sem fundo e sem margens, por entre as estrelas móveis e nebulosas. A configuração dos céus tinha mudado além de todo conhecimento, os signos não eram mais aqueles conhecidos dos astrônomos terrestres: distantes estrelas haviam surgido como sóis escaldantes e novamente sido reduzidas a estrelas e houvera o encontro fugidivo com planetas estranhos. E ano a ano o terror frio das profundezas sem fim e o horror vertiginoso da infinitude incontável haviam crescido como uma lenta paralisia nas almas dos três homens, e a nostalgia da distante terra os havia subjugado com um mal estar indizível, até que não puderam mais suportar e fizeram sua apressada e mal planejada tentativa de tomar o controle da embarcação e voltá-la para casa.

Fora uma luta breve e desesperada. Avisado por um instinto sutil, Volmar suspeitara deles e estivera preparado e assim, ele os homens que lhe eram leais tinham se armado furtivamente de antemão, enquanto os outros fizeram seu ataque de mãos vazias, homem a homem. Todos os amotinados haviam sido feridos, embora não com gravidade, antes de serem subjugados, e o seu sangue gotejava no chão da ponte de controle enquanto estavam diante de Volmar.

Albert Adams, Chester Deming e James Roverton eram os nomes dos amotinados. Adams e Deming ainda eram bastante jovens e Roverton estava então se aproximando da meia idade. Sua simples presença na tripulação de Volmar era prova de capacidade intelectual e aptidão física superiores, pois todos haviam sido submetidos a exames dos mais rigorosos e prolongados. Um grande conhecimento de matemática, química, física, astronomia e outras áreas do conhecimento tinha sido exigido, bem como o conhecimento da mecânica e uma compleição física perfeita, de visão, audição e equilíbrio. Além disso, não é preciso dizer que pertenciam ao tipo mais ativo e aventureiro, pois nenhum homem comum teria se voluntariado para um projeto tal como o de Volmar. Inumeráveis viagens já tinham sido feitas à Lua e aos planetas próximos, mas antes daquela, exceto por uma viagem a Alfa Centauro feita pela expedição de Allen Farquhar, ninguém desafiara o vazio externo e as constelações.

Volmar e os três que lhe haviam permanecido leais eram do mesmo tipo: homens de devoção religiosa e quase desumana a um ideal, cientistas para quem nada mais importava fora da ciência, que eram capazes de martirizar-se e a outros se isso pudesse provar uma teoria ou contribuir para uma descoberta. E no próprio Volmar havia um espírito de louca aventura, um desejo de pisar aonde nenhum homem jamais estivera, a fria chama de um desejo imperativo da imensidão inexplorada. Os amotinados eram mais humanos, e os anos de estéril confinamento no transporte espacial, entre os terríveis abismos do infinito, longe de tudo o que é a vida das pessoas normais, havia alquebrado sua moral, por fim. Poucos, talvez, teriam suportado tanto quanto eles.

“Uma outra coisa”, a voz fria de Volmar continuou: “Eu os deixarei sem armas, provisões ou tanques de oxigênio. Vocês terão que prover-se por si mesmos... e é claro que é provável que a atmosfera, se alguma houver, se revelará imprópria para a respiração humana. Jasper vai agora atá-los, para que não aconteça mais nenhuma tolice.”

Alton Jasper, um conhecido astrônomo que era o primeiro oficial do transporte, deu um passo à frente e amarrou as mãos dos amotinados por trás deles usando uma corda. Depois eles foram trancados em um apartamento na parte de baixo da embarcação, acima da escotilha de entrada e saída. Este apartamento estava isolado de todos os outros e a escotilha era aberta a partir da ponte de comando, por meio de um aparelho elétrico. Lá os amotinados permaneceram em escuridão absoluta, exceto quando alguém entrava com uma escassa ração de comida e bebida.

Eras pareceram transcorrer e os três homens abandonaram o esforço de contar o tempo. Falavam pouco, pois nada havia a se dizer a não ser fracasso, desespero e o horrível e desconhecido destino que enfrentariam. Às vezes um deles, particularmente Roverton, tentaria valentemente contar uma piada, mas a risada que respondia era como o último jorro de uma coragem provada além da capacidade humana de resistir.

Um dia ouviram a voz de Volmar que os chamava através de um tubo de comunicação. Estava distante, alta e sem peso, como uma voz de uma altitude sideral.

“Estamos agora nos aproximando de Delta Andromedæ”, a voz anunciou. “Ela tem um sistema planetário, pois dois mundos já foram avistados. Devemos pousar e deixar vocês no mais próximo deles, em cerca de duas horas.”

Os amotinados sentiram certo alívio. Qualquer coisa, mesmo a morte súbita pela inalação de uma atmosfera irrespirável, seria melhor do que o longo confinamento. Estoicamente, como condenados à morte, eles se prepararam para o mergulho fatal no desconhecido.

Os negros minutos se esgotaram e então as luzes elétricas foram acesas. A porta se abriu e Jasper entrou. Ele removeu em silêncio as amarras dos três homens, então se retirou e a porta foi trancada para eles pela última vez.

Eles perceberam, de alguma maneira, que o transporte havia reduzido sua velocidade. Tentaram pôr-se de pé com seus membros enrijecidos e descobriram que era difícil manter o equilíbrio porque tinham se acostumado a uma velocidade de deslocamento muito além da de qualquer corpo cósmico. Então perceberam que a nave tinha parado: houve um súbito salto que jogou-os contra a parede e depois cessou o onipresente zumbido das máquinas. O silêncio era muito estranho porque a vibração dos grandes motores eletromagnéticos tinha sido familiar por tanto tempo quanto a pulsação de seu próprio sangue.

A escotilha se abriu com um guinchar metálico agudo e entrou um brilho suave de luz azul esverdeada. Então veio uma rajada de vento acre e um cheiro carregado do odor indescritível de coisas que não se pareciam com nada da Terra. Os amotinados ouviram mais uma vez a voz de Volmar:

— Saíam vocês, e saíam rápido. Não tenho mais tempo a perder com lixo.

Prendendo a respiração, Roverton se aproximou da escotilha, rastejou através dela e desceu pela escada de aço que ficava do lado externo do transporte. Cada um dos outros o seguiu por sua vez. Não podiam enxergar muito, porque era aparentemente noite ainda no mundo novo em que eram desembarcados. Eles pareciam suspensos sobre um abismo indefinido e sem fundo, mas ao chegarem ao fim da escada descobriram que havia chão sólido sob seus pés. O ar, embora ardente e desagradável às narinas, era aparentemente respirável. Deram uns poucos cuidadosos passos, permanecendo juntos, em uma superfície que era suave e nivelada sob suas pisadas. E quando ainda tentavam ajustar os seus sentidos às cercanias sombrias viram a forma vaga do transporte começar a se mover e então ouviram o rugido prodigioso de sua subida aos céus.

— Abandonados! — disse Roverton, com uma risada breve — Bem, uma coisa é certa: somos os primeiros amotinados jamais deixados em Andrômeda. Voto por tirarmos o máximo de proveito da experiência. O ar ainda não nos matou, então é evidente que contém uma proporção de hidrogênio e

oxigênio não muito diferente da atmosfera da Terra. E com esse ar existe uma boa chance de acharmos vida vegetal, ou até animal, de uma espécie que nos proporcione substâncias comestíveis.

Os três homens olharam em volta, firmando os olhos em um esforço para penetrar a escuridão azul esverdeada. Nenhum deles era sem imaginação, e eles sentiram a tensão de uma estranheza sem paralelo, uma opressiva alienação que atacava os seus nervos com um milhão de coisas amorfas ou não reveladas, nunca antes conhecidas pelo homem. Sua situação era inconcebivelmente desoladora, mas além da desolação parecia latente a abundância multiforme e numerosa da vida extraterrestre. No entanto não podiam ver nada de tangível, exceto umas massas vagas e imóveis que pareciam grandes rochedos. O ar estava um tanto frio e a sua característica acidez se tornava mais perceptível, em uníssono com uma escuridão peculiar.

Os céus acima eram tênues e vaporosos, com umas poucas estrelas brilhando palidamente em suas profundezas. Algumas destas estrelas eram momentaneamente obscurecidas e então reveladas, como se houvesse algum tipo de movimento ou mudança no meio que as ocultava. Por toda parte havia o senso de uma distância abismal e incomensurável, e os amotinados tinham consciência de uma vertigem estranha e impressionante, como se o espaço horizontal em todas as direções os pudesse atrair para algum abismo sem fundo.

Roverton deu um passo adiante, em direção a uma das massas que pareciam rochedos, notando cuidadosamente a atração gravitacional exercida pelo chão. Ele não tinha certeza, mas pensou experimentar uma sensação de peso, de dificuldade na locomoção, um pouco mais do que é sentida na terra.

— Eu acho que esse mundo é um pouco maior ou mais pesado que o nosso anunciou.

Os outros o seguiram e perceberam sensações semelhantes. Eles pararam, inseguros, pensando no que fazer a seguir.

— Suponho que o sol vai nascer em algum momento, — observou Deming — Delta Andromedæ é uma estrela considerável, e aparentemente o calor que ela produz é comparável ao do nosso sol. Sem dúvida vai produzir uma iluminação similar. Enquanto isso é melhor nos sentarmos e esperar, se este é um rochedo de verdade.

Ele se sentou na massa escura, que tinha formato quase circular e teria, talvez, dois metros e meio de diâmetro por um de altura, com o topo suavemente arredondado. Os outros o seguiram. O objeto parecia coberto de um tipo de musgo denso, arrepiado e resistente.

— Isto é um luxo! — exclamou Roverton. Acho que gostaria de tirar uma soneca.

Nem ele e nem os outros estavam, porém, em um estado que lhes permitisse dormir. Todos estavam incontrolavelmente excitados pela novidade de sua situação e tinham a sensação de uma inquietude terrível, um nervosismo selvagem devido ao choque de serem atirados entre forças atmosféricas e geológicas alienígenas e as emanções magnéticas de um solo nunca pisado por pés humanos. Deste solo mesmo eles nada podiam determinar, exceto que era úmido e aparentemente despido de capim ou outras formas vegetais.

Eles esperaram. A escuridão era como o borbulhar lento duma eternidade fria e esverdeada. Os amotinados tinham relógios, que logicamente haviam ficado sem corda durante seu período de encarceramento. Eles lhes deram corda, puseram-nos a funcionar e ocasionalmente riscavam um fósforo para ver passar o tempo um procedimento cujo absurdo logo perceberam, posto que não havia meios de saber se as vinte e quatro horas do dia terrestre corresponderiam de alguma maneira ao período de rotação daquele novo mundo.

As horas se arrastaram. Eles conversaram com uma loquacidade esporádica, mas febril, em um esforço para vencer o nervosismo de que tinham plena, mas incontrolável, consciência. Homens fortes e maduros como eram, sentiram-se às vezes como crianças sozinhas no escuro, com uma horda de monstruosos terrores cercando-os de todos os lados. Quando o silêncio caía, a informúlavel estranheza e horror das trevas circundantes parecia chegar mais para perto, e eles não ousavam ficar calados muito

tempo. O silêncio dos céus difusos e do chão opaco era opressivo com uma ameaça inimaginável. Uma vez, ouviram um som distante, como o ranger e estalar de uma engrenagem enferrujada. Ele logo cessou e não se repetiu, mas em intervalos longos havia estrídulos curtos e agudos, como os de insetos, que pareciam vir de mais perto. Eram tão altos e desagradáveis que os dentes dos três homens iam ao limite quando os ouviam.

Subitamente perceberam que a escuridão começava a clarear. Uma cintilação fria rastejou pelo chão e as massas rochosas se definiram mais claramente. A luz era muito peculiar, pois parecia emanar do solo e subir tremulando em ondas visíveis como as do calor. Era levemente iridescente, como o nimbo de uma lua entre nuvens, e, ganhando força, logo pareceu comparável ao luar terrestre em seu poder de iluminação. Abaixo dela o solo exibia uma cor cinza esverdeada e uma consistência que lembrava o barro meio seco. Os lados das formações rochosas eram claramente iluminados, embora seus topos permanecessem na sombra. A substância musgosa que os cobria tinha uma tonalidade púrpura e era muito comprida, rústica e peluda.

Os amotinados ficaram muito perplexos com a luz:

— É algum tipo de radiação? — Perguntou Roverton — É fosforescência? É devida a algum micro-organismo luminoso, um tipo de noctiluca?

Ele desceu e olhou mais de perto as ondas trêmulas de iridescência. Então soltou uma exclamação. A luz, ao subir, parecia cheia de grãos de poeira infinitesimais, que flutuavam a cerca de trinta centímetros do chão em seu voo mais alto. Eles se acumulavam incessantemente até esse nível em abundantes milhões.

— ;Animálculos de alguma espécie. — decidiu Roverton — Evidentemente seus corpos são muito luminescentes, quase dá para ler sob essa luz.

Ele olhou seu relógio e viu que os números eram claramente distinguíveis. Depois de um tempo a estranha luminosidade começou a diminuir e desceu para o solo como ela tinha surgido. A escuridão restabelecida não foi, porém, de grande duração. Logo a paisagem exibiu seus contornos mais uma vez, e desta feita a luz veio de uma maneira normal, como a aurora de uma manhã nublada. Ficou então visível uma planície, com ondulações mal perceptíveis e coberta de dúzias de formações rochosas esféricas, que se perdia na distância por causa dos jatos de vapor agitado que subiam do chão. Uma torrente preguiçosa e plúmbea corria pela planície, a cerca de sessenta metros de onde Roverton e seus companheiros estavam sentados, até se perder na névoa. Logo os vapores, a princípio incolores, se tingiram de cores cada vez mais fortes — rosa, açafrão, amarelo e púrpura — como se uma aurora se erguesse por detrás. Havia uma claridade no centro desta visão prismática, e era óbvio que se tratava do corpo solar, Delta Andromedæ, que subira acima do horizonte. O ar ficou rapidamente mais quente. Vendo a torrente próxima, os homens todos se lembraram que estavam excessivamente sedentos. A água talvez não fosse potável, mas decidiram arriscar. O líquido era peculiarmente espesso, leitoso e opaco. O gosto era um tanto salobro, mas mesmo assim aliviou sua sede e eles não sentiram efeitos nocivos imediatos.

— Agora o desjejum, se pudermos achar um. — disse Roverton — Não nos falta nada a não ser comida, utensílios e combustível.

— Não acho que encontraremos nada disso ficando onde estamos — observou Adams. De todos os buracos desolados! Vamos!

Começou uma discussão sobre a direção que deveriam tomar. Todos se sentaram de novo em uma das massas musgosas roxas para decidir o problema tão importante. A paisagem era igualmente estéril e assustadora para todos os lados, mas eles por fim concordaram em seguir o fluxo do córrego plúmbeo, que corria para o espetáculo da aurora. Estavam prontos para levantarem-se quando a pedra em que se sentavam pareceu saltar para cima de repente. Adams se viu estatelado no chão, mas os outros dois foram bastante rápidos para salvarem-se do mesmo destino. Assustados, eles saltaram para longe e, olhando para trás, viram que a grande massa tinha se aberto, como se fendida pelo centro, revelando um buraco

imenso, bordado de um material branco que parecia o interior do estômago de um animal. O material tremia incessantemente e um líquido gelatinoso brotava de dentro dele, como saliva ou fluido digestivo.

— Deus do céu! — exclamou Roverton. Quem sonharia com algo parecido? É uma planta, um animal, ou ambos?

Ele se aproximou da massa, que não dava sinais de movimento a não ser o estremecimento. Aparentemente ficava enraizada ou profundamente inserida no chão. Ao se aproximar, a produção do líquido gelatinoso se tornou mais copiosa.

Um estríduo agudo parecido com os ruídos ouvidos durante a noite se ouviu então. Ao voltar-se, os amotinados viram uma criatura das mais singulares voando em sua direção. Era grande como uma xícara de chá, mas tinha a aparência geral de um inseto em vez de um pássaro. Tinha quatro asas grandes, pontudas e membranosas, um corpo grosso e vermicular, marcado em segmentos, uma cabeça fina com dois apêndices periscópicos pretos em cima, uma dúzia de antenas intrincadas e um bico verde-amarelado que parecia o de um papagaio. Corpo e cabeça eram de um cinza nojento como a cor de um verme. A coisa passou voando por Roverton e pousou na substância que ele estivera examinando. Agachando sobre quatro pernas rudimentares e curtas, ela começou a sugar o fluido com seu bico, batendo as asas enquanto o fazia. O fluido jorrou como em ondas e as asas e o corpo da criatura logo estavam brilhando daquele lodo. Então ela parou de sugar e sua cabeça afundou no fluido, ela lutou debilmente para se libertar e então ficou imóvel.

— Eca! — disse Deming — Então é isso. Um tipo Andromedano de planta carnívora ou de papamoscas. Se as moscas são todas assim, precisaremos de raquetes de tênis em vez de mata-moscas.

Enquanto ele falava, mais três das criaturas insetóides voaram em torno deles e começaram a repetir o destino da predecessora. Tão logo elas estavam bem presas a massa peluda começou a se fechar até que o revestimento branco não estava mais discernível. A fenda por onde se abria mal podia ser detectada e a coisa parecia mais uma vez um grande calhau musgoso. Olhando em torno, os amotinados viram que outras tinham se aberto e esperavam por suas vítimas.

— Essas coisas poderiam facilmente devorar a um homem — meditou Roverton — e eu detestaria ser pego numa delas. Vamos sair daqui se houver como.

Ele seguiu o caminho ao longo do córrego preguiçoso. Enquanto seguiam-no, viram muitos mais dos insetos voadores, que não prestaram nenhuma atenção aparente. Depois que já haviam percorrido umas poucas centenas de metros, Roverton praticamente pisou numa criatura negra que parecia uma enorme minhoca e que se afastava rastejando da margem. Teria um metro de comprimento, seus movimentos eram extremamente vagarosos e os homens passaram por ela com um tremido de repulsa, pois a coisa era mais nojenta que uma serpente ou qualquer verme.

— O que é isso?

Roverton tinha parado e estava ouvindo. Os outros também pararam e ouviram atentamente. Todos ouviram o som de golpes abafados, perdidos a uma indeterminada distância na neblina. O som era quase ritmado em sua repetição, mas se interrompia às vezes. Quando parava, havia o som estridente de um coro de pipilados agudos.

— Continuamos? — Roverton tinha baixado a voz, cuidadosamente. Estamos desarmados e só o diabo sabe no que nos meteremos. Podemos encontrar seres inteligentes, mas não há meios de saber previamente se eles serão hostis ou não.

Antes que seus companheiros pudessem responder, a neblina se dissipou e revelou um espetáculo singular. Não mais que uns cem metros córrego abaixo, uma dúzia de seres parecidos com pigmeus, com cerca de meio metro de altura, se reunia em torno de uma das massas roxas. Com instrumentos cuja forma geral sugeria facas e machados eles cortavam o revestimento musgoso e arrancavam grandes nacos do material carnoso e branco que havia dentro. Mesmo à distância se podia ver que a massa se agitava convulsivamente, como se sentisse os golpes.

Subitamente o corte foi suspenso. Uma vez mais os pipilados se ouviram. Os pigmeus, todos, se

voltaram e pareceram olhar na direção de Roverton e seus companheiros. Então o som mudou e ganhou uma nota alta, rascante, como um chamado. Como se o atendessem, três monstruosas criaturas apareceram da neblina. Cada uma teria seis metros de comprimento, e eram todas como lagartos gordos e tinham um número indefinido de pequeninas pernas sobre as quais se arrastavam ou rastejavam com admirável rapidez. Cada uma delas tinha quatro selas de um modelo fantástico, dispostas em intervalos sobre o dorso. Elas se abaixaram, como se ouvissem um comando, e todos os pigmeus montaram com incrível agilidade. Então, ao som de gritos estridentes, a cavalgada extraterrestre avançou contra os viajantes. Não havia tempo para sequer pensar em fugir. A velocidade das criaturas-lagarto era muito mais que a do mais veloz dos corredores: em uns poucos instantes eles alcançaram os três homens, cercaram-nos e os contiveram com seu comprimento mastodôntico. As criaturas eram ao mesmo tempo grotescas e terríveis, com suas cabeças de sapo atarracadas e seus corpos balofos pintados com desenhos sinistros, em azuis pálidos, negros desbotados e amarelos argilosos. Cada uma delas tinha um único e arregalado olho que brilhava com uma fosforescência rubra no meio de sua face. Suas orelhas, ou o que pareciam ser orelhas, caíam ao lado de suas mandíbulas em dobras enrugadas, pendurando-se como barbelas.

Seus ginetes, vistos de perto, eram igualmente bizarros e medonhos. Suas cabeças eram grandes e globulares, eram cíclopes, mas possuíam duas bocas, uma em cada lado de um apêndice como a tromba de um elefante, que ficava dependurada quase até seus pés. Seus braços e pernas eram em quantidade normal, mas pareciam ser muito maleáveis e sem ossos, ou tinham uma estrutura óssea radicalmente diferente da dos vertebrados terrestres. Suas mãos tinham quatro dedos com membranas interdigitais translúcidas. Seus pés também possuíam membranas, mas terminavam em longas garras recurvas. Estavam completamente nus, pareciam ser pelados e sua pele exibia uma palidez de chumbo. As armas que carregavam eram feitas de um metal arroxeadado, de uma cor parecida à do permanganato de potássio. Algumas eram alabardas de cabo curto, outras eram facas em formato de lua crescente, que terminavam em cabos pesados.

—Deus! —gritou Roverton. Se pelo menos nós tivéssemos armas para elefantes ou fuzis automáticos!

— Não acho que encontraremos nada disso ficando onde estamos — observou Adams. De todos os buracos desolados! Vamos!

Os pigmeus tinham parado suas montarias e estavam discutindo excitadamente enquanto olhavam os terráqueos com suas órbitas redondas. Os sons que faziam dificilmente poderiam ser reproduzidos por cordas vocais humanas.

— Mlah! Mlah! Knurhp! Anhkla! Hka! Lkai! Rhpai! — eles gritavam uns para os outros.

— Acho que somos novidade tão grande para eles quanto eles para nós — observou Adams.

Os pigmeus pareceram chegar a uma decisão definida. Eles agitaram suas armas e chilrearam e seus corcéis lagartos se moveram em semicírculo até que todos estavam em uma posição rio acima em relação aos amotinados. Eles avançaram e os pigmeus apontaram para frente com suas facas pesadas e alabardas, como se mandassem os homens a seguirem à frente deles. Não havia nada a fazer senão obedecer, pois as criaturas lagarto, quando se aproximaram, abriram bocas cavernosas cujos dentes pareciam estalactites e estalagmites. Roverton e seus companheiros foram forçados a seguir em um passo de maratona para se manterem adiante deles.

— Estão nos tocando como gado! — berrou Roverton.

Quando se aproximaram da massa coberta de roxo que os pigmeus tinham estado cortando em pedaços, fizeram uma parada e os pedaços cortados foram carregados em grandes cestos, que foram então amarrados às costas dos monstros por meio de um arreio curioso que parecia feito de tripas de animais. Os homens foram mantidos no centro da tropa enquanto tudo acontecia. Não havia fuga possível e eles se resignaram com o máximo de calma científica que podiam ter.

Depois que o carregamento tinha sido terminado, os pigmeus reiniciaram seu avanço pela margem do córrego, empurrando seus cativos consigo. A neblina tinha então começado a subir e desaparecer, e um globo solar amarelo difuso se tornou discernível bem baixo nos céus, sobre um horizonte de serras. O rio

mudou abruptamente de curso depois de um quilômetro e meio, mais ou menos, e correu através de uma planície desolada em direção a um grande lago ou mar que preenchia a distância com um semitom de púrpura claro. Ali a tropa abandonou o curso d'água, levando os prisioneiros em direção às montanhas distantes.

A paisagem se tornou ainda mais nua e desértica à medida que Roverton e seus companheiros corriam desatinadamente diante dos papos arreganhados dos monstros. Não havia mais das massas peludas devoradoras de insetos, nem mesmo os próprios insetos ou outra forma de vida. A planície era como uma vasta várzea de lama primordial ressecada, ou o leito de um oceano evaporado.

A fome e o cansaço atormentavam os homens. Eles eram empurrados sempre adiante a um passo impiedoso e incansável, até que eles ofegaram e seus músculos ficaram endurecidos pela fadiga. Parecia que horas se passavam, mas o sol baço não subia muito acima do horizonte. Ele percorria um arco baixo, como o sol das regiões subpolares. As montanhas não ficavam mais perto, mas se afastavam sob os vastos e vagos céus.

A planície começou, então, a revelar detalhes até então despercebidos. Colinas baixas apareceram, as ondulações se aprofundaram. Ravinas nuas de uma rocha semibasáltica escura e sombria a interrompiam às vezes. Mas ainda não havia sinais de vida, nada de plantas, nada de árvores, nenhuma habitação. Os amotinados se perguntaram, exaustos, aonde eram levados e quando chegariam ao destino buscado por seus captores. Eles tampouco imaginavam como seria quando chegassem.

Então foram levados por uma ravina pela qual corria uma torrente rápida. A ravina se aprofundou e altíssimos rochedos que chegavam a altura de trinta metros ou mais a ladeavam de cada lado. Contornando uma curva fechada, os homens viram diante de si um amplo espaço plano na margem e acima desta um rochedo marcado por várias linhas de bocas de cavernas e pequenos degraus cortados na pedra. Dezenas de pigmeus, do mesmo tipo que os seus captores, estavam reunidos diante das entradas das cavernas inferiores. Um chilrear animado começou entre eles diante da visão da tropa e dos prisioneiros.

— Trogloditas! — exclamou Roverton, sentindo, apesar de sua fadiga, o aguçado interesse de um cientista.

Ele e os seus companheiros foram imediatamente cercados pelos pigmeus, alguns dos quais, a um exame mais detido, pareciam ser de sexo diferente daqueles que haviam encontrado primeiro. Havia também uns poucos jovens, os menores deles não muito maiores que porquinhos da Índia.

Os membros da tropa desmontaram e começaram a descarregar os cestos com a ajuda dos outros. As postas da substância branca carnosa foram empilhadas no chão, ao lado de várias grandes lajes chatas de pedra. Quando o descarregamento foi completado, os pigmeus puseram algumas das postas sobre estas lajes e começaram a bater nelas com pesadas mãos de pilão. Eles acenaram aos homens, mandando que fizessem o mesmo.

— Eu acho que a coisa é usada como alimento — concluiu Adams. Talvez seja a fonte de vida entre essas criaturas.

Ele e os outros escolheram seus instrumentos e começaram a bater em uma das lajes. O material foi facilmente reduzido a uma massa cremosa fina. Ela produzia um forte odor, que estava longe de ser desagradável, e apesar de certas lembranças muito repulsivas, os três homens tomaram consciência de que estavam extremamente famintos.

Quando todas as lajes estavam cobertas da massa, os pigmeus começaram a devorá-la sem mais formalidades, usando não apenas suas mãos membranosas, mas também suas trombas preênses para levar a comida até suas duas bocas. Eles acenaram aos homens que eles poderiam fazer o mesmo.

A pasta tinha um sabor salino e lembrava vagamente uma mistura de peixe marinho com alguma raiz vegetal nutritiva. Era bastante palatável de um modo geral, e serviu muito bem para aliviar as agonias da fome de uma maneira bem satisfatória. Ao fim da refeição foi trazido um tipo de bebida fermentada de cor amarelo-esverdeada e muito acre, mas toa a fadiga desapareceu depois de uns poucos goles e os

amotinados foram capazes de analisar sua situação com renovadas esperança e coragem.

Muitas horas foram então empregadas socando o resto das postas. A massa foi armazenada em urnas de boca larga e estas foram levadas para as cavernas inferiores. Roverton e seus camaradas foram alistados para ajudar nessa tarefa. As cavernas eram muito baixas para permitir que ficassem de pé, e eram muito escuras e sombrias, com muitas ramificações de comprimentos irregulares. Os móveis eram bastante primitivos, como era de se esperar, ainda que houvesse uma bem vinda medida de limpeza. As cavernas estavam cheias de um odor defumado e em uma delas havia um pouco de fogo queimando. O combustível parecia um pouco com turfa. Havia assentos pequenos, cobertos de um couro sem pelos, provavelmente de criaturas parecidas com as coisas-lagarto.

O sol baixo já tinha se escondido atrás dos rochedos quando a última urna foi levada para dentro das cavernas. Um crepúsculo frio e verde se formou pelos cursos verdes, engrossado por vapores diáfanos que subiam. Os monstros lagarto foram conduzidos para uma caverna maior que as outras, que ficava separada a uma boa distância. Obviamente ela servia como estábulo. Então os pigmeus se retiraram para as suas cavernas, em grupos de dois ou três, depois de indicarem uma gruta que os homens deveriam ocupar. Quatro pigmeus, armados com suas estranhas alabardas e facas pesadas, ficaram de guarda à entrada.

A escuridão entrou na gruta como uma preamar de ondas silenciosas e discretas. Com sua vinda, profunda letargia subjugou aos homens — uma reação a toda a tensão, esforço e dureza que tinham suportado, cobradas por todas as impressões novas de coisas extraterrestres que seus nervos tinham aguentado. Eles se esticaram no chão, usando como travesseiros os pequenos assentos junto às paredes. Em poucos minutos estavam dormindo.

Despertaram com o som de uma miríade de pios e rangidos do lado de fora da caverna, na pálida neblina da manhã.

— Parece uma conferência — concluiu Roverton, ao se arrastar para a entrada.

Olhando fora, ele viu que mais de uma centena de pigmeus, metade dos quais deveriam ter chegado de alguma outra comunidade, se reunia na margem do riacho e se dedicava a um debate acalorado. Todos ficavam olhando com suas órbitas redondas em direção à caverna ocupada pelos amotinados. Suas palavras, expressões e gestos eram tão remotos em relação a qualquer coisa familiar à humanidade que era impossível adivinhar o rumo ou o teor do debate, ou saber se a decisão a que estavam chegando era amistosa ou não.

— Eles me apavoram — disse Deming. Não sabemos se vão nos comer ou nos fazer seus deuses tribais.

Aparentemente, a uma voz de comando, os guardas se aproximaram da boca da caverna e sinalizaram aos homens que saíssem. Eles obedeceram. Bandejas cheias da pasta branca e copos de uma bebida negra e doce foram postos diante deles e enquanto comiam e bebiam toda a assembleia os olhava em silêncio. Parecia ter havido algum tipo de mudança na atitude dos pigmeus, mas a natureza desta, ou o que poderia implicar, estava além do entendimento. Todo o procedimento era extremamente misterioso e tinha quase o ar de algum sacramento sinistro. A bebida negra deveria ser um pouco narcótica, pois os homens começaram a se sentir como se tivessem sido dopados. Houve um ligeiro amortecimento de seus sentidos, embora seus centros cerebrais permanecessem alertas.

— Não gosto disso — murmurou Roverton.

Ele e os demais sentiam uma crescente inquietação, para a qual não podiam indicar nenhuma razão determinada. E eles não se sentiram nada tranquilizados quando os três monstros-lagartos, seguidos de mais dois parecidos, reapareceram junto à margem da córrego. Todos eram montados por pigmeus armados que, quando chegaram perto, sinalizaram que os homens deveriam precedê-los em sua marcha. Os amotinados começaram a andar vale abaixo, com os guardas montados e toda a assembleia os seguindo.

Logo a margem ficou mais estreita e os paredões mais íngremes. O chão se limitou a uma trilha de

menos de metro de largura, ao lado da qual as águas fluíam com sombria veemência em uma série de corredeiras mordidas por espuma amarela. Passando por uma curva na parede, os homens viram que a margem terminava em uma grande boca de caverna. Adiante os rochedos se erguiam perpendicularmente da torrente.

Os três hesitaram ao aproximar-se da caverna. Qual seria seu destino eles nem podiam conjeturar, mas a sensação de alarme e inquietação aumentou. Olharam para trás e viram que a coisa lagarto mais adiantada estava bem perto deles, arreganhando a boca mais horrivelmente que a caverna escura. Pensaram em pular na torrente, mas a correnteza estava cheia de rochas afiadas e um troar além dos rochedos sugeria a proximidade de uma catarata. As paredes acima do caminho eram impossíveis de escalar, então eles entraram na caverna.

O lugar era bastante espaçoso em comparação com as cavernas habitadas pelos pigmeus e os homens não foram forçados a curvar-se em momento algum. Mas, cegos pela luz do dia que haviam deixado, tropeçaram em pedras e bateram contra as paredes tortuosas enquanto tateavam na escuridão completa. Um jato de ar frio e fétido surgiu como um vento subterrâneo do coração da caverna e um dos monstros estava respirando nos seus calcanhares. Não podiam ver nada, ter certeza de coisa alguma, mas eram forçados a continuar, sem saber se o passo seguinte os atiraria em algum buraco terrível ou abismo sem fundo. Uma sensação de grave ameaça e de horror sobre-humano logo cresceu neles.

— Este lugar é escuro como a carvoaria do Hades — brincou Roverton. Os outros riram bravamente, mas seus nervos estavam no limite devido à sinistra expectativa e à incerteza.

A corrente de ar empestado e mefítico ficou mais forte. O cheiro de águas estagnadas e sem sol que ficavam em alguma profundidade imperscrutável, mesclado pelas narinas dos homens a um fedor nauseante como o de catacumbas infestadas de morcegos ou tocas de animais imundos.

— Eca! — resmungou Deming — Isso é pior que gorgonzola e tripas de raposa juntos.

O chão da caverna começou a se inclinar para baixo. Passo a passo o declive aumentou como um alçapão infernal, até que os amotinados mal podiam ficar de pé no escuro.

Remoto e discreto, como uma pequena mancha fosforescente, uma luz amanheceu nas profundezas. As paredes da caverna, dolorosamente caneladas e arqueadas, ficaram então discerníveis. A luz ficou mais forte à medida que os homens continuaram, e logo estava ao redor deles, derramando raios azuis-claros de uma fonte subterrânea indistinta.

O declive terminou abruptamente e chegaram a uma vasta câmara cheia da estranha radiância, que parecia emanar do teto e das paredes, como um tipo de radioatividade. Estavam em uma elevação semicircular e perceberam, após cruzá-la, que ela terminava num corte e havia uma queda livre de mais ou menos quinze metros até uma grande lagoa no centro da câmara. Havia saliências no lado oposto da caverna que ficavam à mesma altura daquela em que estavam, e havia cavernas menores que partiam destas. Mas parecia que nenhuma das cavernas poderia ser atingida a partir da saliência em que terminara a descida. Separando-as, havia paredes perpendiculares que não permitiam nem por um momento que se apoiasse um pé em lugar algum.

Os três homens ficaram de pé à beira da lagoa e olharam em torno. Podiam ouvir o barulho do primeiro monstro-lagarto ainda na descida e podiam ver o brilho maligno de seu único olho enquanto ele avançava.

— Isto parece a última folha do último capítulo.

Roverton estava então olhando para baixo em direção à lagoa. Os outros seguiam seu olhar. As águas eram foscas, imóveis, escuras e não reluziam com o brilho azulado das paredes da caverna. Eram como algo que ficara dormindo ou morto por milhares de anos e o fedor que subia delas sugeria eras de lenta putrefação.

— Bom Deus! O que é aquilo?

Roverton notara uma mudança nas águas, um brilho curioso que vinha debaixo da superfície, como se uma lua afogada estivesse nascendo delas. Então a calma morta da lagoa foi rompida por um milhão de

ondulações e uma vasta cabeça, gotejando com uma luminosidade nojenta, emergiu das águas. A coisa teria dois metros ou mais de largura, era horrivelmente arredondada e amorfa e parecia consistir principalmente de bocas arreganhadas e olhos arregalados, tudo costurado em um louco caos de malignidade e horror. Havia pelo menos cinco bocas, cada uma delas bastante grande para devorar um homem em uma bocada só. Eram desdentadas e elásticas. Distribuídos entre elas, os olhos ardiam como brasas satânicas.

Um dos monstros-lagarto tinha rastejado até a beira. Dúzias de pigmeus estavam reunidos ao lado e além, e alguns deles avançaram até onde estavam os homens. Eles olharam para a coisa medonha na lagoa e fizeram gestos desajeitados e genuflexões com suas cabeças, mãos e trombas, como se a estivessem invocando ou adorando. Suas vozes agudas se ergueram em um cantochão ondulante.

Os homens ficaram quase estupefatos de horror. A criatura no abismo era além de qualquer coisa das lendas e pesadelos terrestres. E os ritos do culto oferecido pelos pigmeus eram incrivelmente revoltantes.

— A Coisa é seu deus! — gritou Roverton — E eles vão nos oferecer em sacrifício!

A borda não estava tomada pelos pigmeus e o monstro lagarto tinha avançado até que os três homens não tinham mais espaço do que o suficiente para ficarem de pé na beira do precipício, sobre um arco em lua crescente formado por seu corpo.

A cerimônia executada pelos pigmeus chegou ao fim, suas genuflexões e cantorias cessaram e todos voltaram seus olhos para os amotinados em uma contemplação simultânea e atenta. Os quatro que montavam a criatura lagarto exprimiram em uníssono uma simples palavra de comando:

— Ptrahsai!

O monstro abriu sua bocarra e avançou com a mandíbula pendente. Seus horrendos dentes eram uma grade em movimento, seu hálito um vento fedido. Não havia tempo para o terror e nenhuma chance de resistir: os homens cambalearam e escorregaram na borda estreita e caíram simultaneamente no vazio. Na queda, Roverton agarrou automaticamente o mais próximo dos pigmeus, segurou a criatura pela sua tromba e a trouxe consigo enquanto caía pelo ar. Ele e os companheiros mergulharam na lagoa levantando muita água e afundaram até bem abaixo da superfície. Com uma coordenada presença de espírito eles todos se aproximaram o mais perto que puderam da parede da caverna e começaram a procurar onde se apoiar. Roverton não soltara seu pigmeu. A criatura ganiu ferozmente quando sua cabeça surgiu acima da água e tentou arranhá-lo com suas longas unhas dos pés.

O precipício era liso e íngreme a partir da beira d'água, sem nenhuma reentrância visível. Os homens nadaram desesperadamente em volta, buscando uma abertura ou uma beirada. A coisa com bocas e olhos começara a se mover em sua direção e eles se sentiam nauseados de terror e repulsa ao verem-na flutuar fosforescente. Havia uma deliberação maldita, uma vagarosidade apavorante em seu movimento, como se soubesse que não havia por onde suas vítimas pudessem fugir ao arreganhamento elástico daquelas cinco abomináveis bocas. Ela se aproximou, até que a parede da caverna junto aos nadadores ficou brilhante com refulgência vil da cabeça pendente. Eles podiam ver abaixo e além da cabeça o brilho distorcido de um longo e amorfo corpo submerso nos abismos negros da lagoa.

Roverton era o que estava mais perto do monstro quando ele se aproximou. Seus olhos malignamente arregalados estavam totalmente voltados para ele e sua boca mais protuberante se abria mais largamente e babava uma gosma execrável. Logo ela estava ao seu lado e ele podia sentir a inexprimível corrupção de seu hálito. Foi empurrado para a parede da caverna e, conseguindo se estabilizar por um momento, empurrou o pigmeu em direção à boca que se aproximava. O pigmeu berrou e lutou em um estado frenético de medo até que os horríveis lábios babosos se fechassem sobre ele. O monstro pausou, como se seu apetite e sua curiosidade se tivessem aplacado por ora e os três homens tiraram vantagem disso para continuar sua exploração da parede.

Subitamente eles perceberam uma abertura baixa no rochedo liso, de onde as águas fluíam com um borbulhar silencioso. A abertura era estreita e seu teto deveria estar bem menos de meio metro acima da superfície. Ela poderia ou não oferecer uma fuga da lagoa, mas não fora possível detectar outra saída.

Sem hesitação Adams nadou para dentro da abertura e os outros o seguiram.

As águas abaixo ainda eram profundas e eles não tocaram o fundo em lugar algum. As paredes da caverna menor eram luminosas no começo, mas a luminosidade logo cessou e ficaram em absoluta escuridão. Nadando em frente, não podiam mais sequer avaliar a altura da bolsa de ar acima. Nunca, porém, se sentiram compelidos a mergulhar sob a superfície e logo descobriram que a caverna se alargara o bastante para permitir que nadassem lado a lado. Também perceberam que tinham sido tomados pelo fluxo de uma torrente que se intensificava e que os levava a uma velocidade considerável. Como não havia sinal de perseguição pelo monstro da lagoa, os homens começaram a sentir um leve reavivamento da esperança. Claro que a corrente poderia carregá-los para as entranhas daquele terrível mundo transtelar ou poderia atirá-los a qualquer momento em um abismo medonho, ou o teto poderia abaixar e amassá-los sob a força das fétidas águas. Mas mesmo assim eles sentiam que havia uma chance de emergirem ao final, e quase qualquer coisa seria melhor do que a proximidade do monstro luminoso de hálito mefítico e numerosos olhos e bocas. Provavelmente a caverna em que nadavam então era estreita demais para permitir a entrada de sua massa nojenta.

Por quanto tempo flutuaram na acelerada corrente, era impossível que soubessem. Tudo que podiam saber era que não havia mudança em sua situação, nem podiam estimar o quanto haviam penetrado naquele mundo subterrâneo. A escuridão pesava sobre eles, parecendo não ser menos opaca e densa que a água e as paredes da caverna. Eles se resignaram com a progressão no escuro da corrente, economizando suas forças o quanto podiam, para qualquer emergência futura que pudesse aparecer.

Por fim, quando parecia que estavam irrecuperavelmente perdidos nas sólidas trevas abissais, quando seus olhos já haviam esquecido a própria lembrança da luz, a escuridão diante deles foi penetrada por um pontinho de luz. A luz cresceu devagar, irregularmente, mas por um momento tiveram dúvida de sua natureza, sem saber se estavam se aproximando de outra câmara fosforescente ou da verdadeira luz do dia. Mesmo assim eles ficaram gratos por seu ralo brilho. A corrente se tornara ainda mais veloz e agitada, com trechos de corredeiras entre rochas pelos quais a descida era impetuosa e arriscada. Mais de uma vez foram quase jogados contra as escuras e ásperas massas que se erguiam em torno de si.

De repente a corrente se acalmou e as corredeiras fervilhantes morreram em uma lagoa ampla sobre a qual a altura de um domo de caverna era discernível. A luz se derramava em um jorro de radiância pálida através da lagoa, vinda de onde evidentemente estava a boca da caverna, e além desta uma larga lâmina de água iluminada pelo sol se estendia e se perdia na distância luminosa.

Os três subitamente tomaram consciência de uma fadiga arrasadora e persistente, uma reação irresistível a todo o perigo e sofrimentos por que tinham passado. Mas a perspectiva de emergir desse submundo de horrores misteriosos fê-los reunir as forças restantes dos membros encharcados, nadarem em direção à boca da caverna e flutuarem através de sua abertura negra rumo ao brilho prateado de um grande lago. Este era, provavelmente, o mesmo visto no dia anterior. Sua aparência era inefavelmente estranha e desolada. Altos rochedos com muitos contrafortes e chaminés se erguiam acima da caverna de que tinham emergido e se estendiam de ambos os lados em linhas descendentes até sumirem em grandes vargens de pântanos e areias. Não havia nenhum sinal de vegetação em lugar algum — nada senão a pedra nodosa dos rochedos, a lama cinzenta das charnecas e as águas mortas e desbotadas. A princípio, os homens pensaram que não havia nenhum tipo de vida. Nadaram ao longo do rochedo, buscando lugar para pisar. As vargens de pântanos e areias pareciam a quilômetros de distância e o progresso no lago preguiçoso era excruciantemente lento e tedioso. Sentiam-se como se as águas estêreis e estranhas os tivessem empapado até os ossos e uma inércia mortal os subjugava e dopava seus sentidos até tudo se confundir em uma mancha monótona e vaga. Estavam exaustos demais para falar, até para pensar. Confusa e desesperadamente, bracejaram rumo à meta sempre recuada de uma margem distante. De algum modo, perceberam que uma sombra recaía sobre si, rompendo o brilho difuso do sol perdido na neblina. Estavam cansados demais para olhar para cima, ou mesmo especular a origem da sombra. Então ouviram

um berro ríspido e trepidante e um bater como de asas rígidas e enormes, e algo mergulhou em sua direção e pairou sobre eles. Virando suas cabeças na água, os três homens viram uma coisa incrível. A coisa que lhes sombreava era uma criatura alada gigantesca com asas ossudas de couro que teriam pelo menos quinze metros de ponta a ponta. Lembrava aquele monstro voador pré-histórico, o pterodátilo, mas também um pelicano, porque abaixo de seu bico de dois metros havia um papo prodigioso. Mal podendo crer nos seus olhos, os nadadores contemplaram a aparição que pairava sobre si. Ela os vigiava com olhos malévolos e ardentes, grandes como pratos, e então, com horrível agilidade, ela desceu. Adams, que estava mais perto, sentiu o grande bico se fechar sobre si e erguê-lo da água, e antes que pudesse entender o que estava acontecendo ele se achou no seu papo. Deming foi capturado e posto ao seu lado um momento depois e Roverton, que tinha instintivamente mergulhado abaixo da superfície, foi buscado e arrastado pelo bico pescador como se fosse um linguado e se juntou aos outros dois.

Inteiramente atordoados, tatearam na fétida escuridão do papo e foram derrubados, prostrados e amontoados enquanto o monstro arremetia rumo aos céus. Havia coisas parecidas com enguias retorcendo-se sob seus pés e respiravam uma mescla de fedores sufocantes. Nada podiam ver, mas a escuridão em que jaziam não era um negrume absoluto, pois as paredes do papo eram bastante transparentes para que a luz criasse uma penumbra sangrenta. Podiam ouvir alto o bater das asas de couro, sentir o palpitar ritmado de sua vibração e, enquanto tentavam se habituar à peculiar situação, tiveram a impressão de que eram levados em um voo vertiginoso, a uma grande altitude. Roverton foi o primeiro a falar.

— Dentre todos os improváveis desdobramentos, nenhum autor de ficção ousaria imaginar isso! Suponho que a criatura tem um ninho em algum lugar e nos está levando para casa a fim de dar de comer aos filhotes ou ao parceiro.

— Ou tento capturado um suprimento de carne viva, está indo a algum lugar seguro para ingerir suas vitaminas — sugeriu Adams.

Um riso tímido respondeu a piada.

Bem, — adicionou Deming — de qualquer forma, estamos ganhando uma carona grátis, pelo menos uma vez não temos que andar, correr ou nadar.

O tempo passou de uma forma duvidosa e confusa. O bater das asas tinha diminuído até se tornar um leve sibilar tal como no voo sem esforço de um imenso abutre ou ave de rapina. Ainda havia, porém, a sensação de prodigiosa velocidade, de horizontes e horizontes deixados para trás, de planícies e águas e montanhas desaparecendo em uma rápida sucessão.

Os homens ficaram enjoados e tontos com o ar nocivo de sua prisão, recaíram em períodos de semiconsciência de que acordavam assustados. No novo horror de sua posição eles quase perderam a noção de identidade, como se fossem parte de um pesadelo monstruoso ou alucinação.

Depois de um tempo indeterminado, sentiram uma desaceleração do voo e ouviram outra vez os atordoantes estalos daquelas grandes asas, à medida que o pássaro mergulhava em direção ao chão. Parecia descer de altura superior à dos Alpes, com tremenda velocidade.

Então a descida foi interrompida com um movimento abrupto, como a parada de um elevador. A um súbito jorro de luz no interior do papo, Roverton e os seus companheiros perceberam que a criatura tinha aberto o bico como se fosse capturar algo. Então, com um grito rouco e ensurdecido, começou a se agitar em uma estupenda convulsão, atirando os homens violentamente de um lado para outro dentro do papo flácido. Era impossível imaginar o que acontecia, toda a circunstância era supremamente misteriosa e assustadora.

Adams e Deming foram praticamente nocauteados pela sacudida que levaram e Roverton foi o único que conseguiu reter alguma coisa de sua consciência. Ele compreendeu que o pássaro estava envolvido em algum tipo de briga ou combate. Depois de um breve intervalo, os seus esforços ficaram menos agitados e menos fortes, e por fim, com berro diabólico e rouco, ele pareceu cair e ficar imóvel, a não ser por estremecimentos ocasionais que se sentiam no corpo e no pescoço, com o qual se comunicava o

papo. Esses estremecimentos diminuía em força e frequência. O pássaro estava então caído de lado, e entrava luz no papo diretamente através de seu bico arreganhado.

Certificando-se de que os seus companheiros já haviam recuperado os sentidos, Roverton se arrastou na direção da luz. Os outros o seguiram. Retorcendo-se através da boca babosa, onde gotejava um fluido parecido com sangue, Roverton conseguiu ficar de pé, ainda tonto, e olhar em volta.

O cenário no qual emergiu era mais louco e selvagem do que as esquisitices de um delírio febril. Por um instante ele pensou que as coisas ao seu redor eram o produto de alguma alucinação, fruto de seu cérebro e nervos superexcitados. O monstro voador estava estendido no chão e envolto, desde a cabeça até a cauda, nos rolos de algo que Roverton só pode designar como uma anaconda vegetal. Os rolos eram verde claros com manchas irregulares violáceas e marrons e pareciam ter dezenas de metros e comprimento. Terminavam em três cabeças cobertas de bocas como as ventosas de um polvo. Os rolos tinham envolvido o pássaro muitas vezes e evidentemente possuíam um poder constritivo enorme, pois tinham se apertado sobre sua presa de tal forma que corpo se deformava entre eles em rugas e protuberâncias nojentas. Estavam visivelmente enraizadas em um solo negro, de aparência viscosa e eram inchados na base como o tronco de uma árvore antiga. As três cabeças tinham se fixado às costas de sua vítima prostrada e estavam obviamente extraindo nutrientes dela através de suas inúmeras ventosas.

Em torno do pássaro, nos vapores ferventes que subiam do chão como uma fumaça, jaziam as copas que balançavam e os troncos que se retorciam, galhos e antenas de uma mistura de formas vegetais meio ofídicas ou animais. Variavam em tamanho de videiras que não eram maiores que cobras corais até bulbos amorfos com centenas de tentáculos que se retorciam, grandes como o mitológico *kraken*. Não eram menos diversas que as várias espécies de plantas de uma selva terrena, e todas estavam horrivelmente vivas. Muitas eram isentas de qualquer coisa que lembrasse folhas, mas outras tinham copas que pareciam dedos ou um tipo de folhagem que sugeria uma rede de cordas cabeludas e que sem dúvida serviam ao mesmo propósito de teias de aranhas, pois em algumas dessas redes estranhos insetos e mal-afortunados pássaros tinham sido capturados. Outras árvores davam intumescidos frutos ovais ou globulares e tinham flores de aparência carnosa que podiam se fechar como bocas sobre suas presas. Acima delas, além dos vapores fumegantes, um sol inchado e quente ardia desde uma altitude quase vertical. Roverton compreendeu que o monstro-pássaro, voando a muitas centenas de quilômetros por hora, devia tê-los levado a uma zona subtropical do mundo em que estavam abandonados.

Adams e Deming tinham já se esgueirado para fora e estavam de pé ao lado de Roverton. Por um momento nenhum dos três pôde pronunciar uma palavra, na profunda estupefação com que contemplavam as cercanias. Instintivamente todos procuravam uma trilha de escape entre as fileiras de monstruosidade vegetal que os cercavam de todos os lados. Mas não havia nenhuma interrupção em qualquer direção, só uma infinita contorção de coisas que eram claramente venenosas, maléficas e inimigas. E, de certo modo, sentiam que aquelas entidades-planta tinham consciência de sua presença, que os observavam com atenção e que, de uma maneira não reconhecível pelos sentidos humanos, estavam mesmo discutindo ou debatendo a respeito deles.

Adams se aventurou a dar um passo à frente. Instantaneamente um longo tentáculo saltou de uma das formas titânicas mais próximas e o envolveu. Lutando e gritando, ele foi arrastado até a grande massa escura de onde os tentáculos emanavam. Havia lá uma boca aberta como uma grande taça vermelha, de quase um metro de largura, bem no centro desta massa e, antes que seus companheiros sequer pudessem mover-se, Adams foi atirado dentro da abertura que, então, se fechou sobre ele como a boca de um saco amarrado. Roverton e Deming foram petrificados pelo horror, mas antes que eles pudessem sequer pensar em se mover de onde estavam, mais dois tentáculos saltaram e os agarraram pela altura da cintura. Estavam presos com a firmeza de um cabo de aço e ambos sentiam uma espécie de choque elétrico ao contato — um choque que servia para atordoá-los ainda mais. Quase desmaiando, foram erguidos pelas horríveis gavinhas.

Nada mais aconteceu por um breve intervalo de tempo. A estranheza incompreensível de sua situação, as inúmeras fadigas e provas do dia, juntamente com os choques daquelas gavinhas, tinham atordoado os dois homens de tal forma que eles mal podiam entender o fim de seu companheiro ou a iminência do seu próprio fim.

Tudo ficou irreal, nebuloso, onírico. Então, através da vaguidão que envolvera seus sentidos, viram que a massa escura no meio dos tentáculos estava começando a se mexer e a agitar-se. Logo a agitação se tornou uma convulsão que ficou mais e mais violenta. Roverton e Deming caíram ao chão quando as gavinhas afrouxaram e viram o chicotear de uma dúzia de tentáculos no ar acima deles, balançando de um lado a outro sobre a agitada massa central. Então, de dentro desta massa, o corpo de Adams foi ejetado, caindo ao lado de Roverton e Deming. Obviamente, a carne humana não tinha combinado com a digestão do monstro vegetal andromedano. A massa continuou a balançar e palpitar e os seus muitos braços acenavam pelo ar numa forma de agonia.

Os dois não ousaram olhar para o corpo de seu bravo camarada. Enojados e totalmente esgotados pelo cansaço e pelo horror, eles se prostraram no chão. Depois de um momento, sentiram os tentáculos os envolverem mais uma vez, mas não foram levados à boca central, mas carregados e arrastados em direção ao emaranhado de formas alienígenas além do *kraken* vegetal. De lá eles foram capturados pelos membros serpentinos de outras plantas vivas e levados adiante através da selva.

Eles tinham vaga noção de muitos tipos de bocas que se arreganhavam ou mordiam o ar ao seu lado, sentiam os brotos que oscilavam como antenas e tateavam, viram galhos pendentes armados de espinhos como dardos, viram flores vermelhas de metro e meio de largura, com línguas fendidas de que pingava um mel venenoso. E em tudo em volta ouviam o gemido ou os gritos ou os chiados de animais capturados pelas plantas demoníacas, e viam as bocas arreganhadas que devoravam os corpos de suas vítimas, ou as ventosas que se fechavam sobre eles como os lábios de vampiros. Mas entre esses terrores de uma flora transestelar os homens passaram intocados e sem feridas e foram arrastados de gavinha em galho, de rede a flor, através dos bosques inimagináveis. Era como se todas estas coisas carnívoras e mortais tivessem sido advertidas de sua natureza não comestível e os estivessem jogando fora.

Por fim, a luz ficou mais forte e os homens perceberam que se aproximavam da beira da selva. A última das plantas monstruosas lhes deu um impulso veemente com seus grandes braços e o solo fumegante de uma planície sem árvores moveu-se e rodopiou diante deles enquanto caíam inconscientes sob a luz do sol.

Roverton foi o primeiro a recobrar seus sentidos. Sentindo-se muito fraco e tonto, com os pensamentos e a visão turvados, tentou se sentar e caiu de costas, desamparado. Então, quando seus olhos e mente começaram a clarear, um pouco de força lhe voltou e um segundo esforço foi mais bem sucedido. Seu primeiro pensamento foi no seu camarada, a quem procurou, então. Deming ainda estava onde caíra, em uma posição prostrada e espichada no chão.

Muitas horas deviam já ter passado, pois o sol estava então pouco acima da borda da planície e as altas colunas de vapores estavam tingidas como as chamas de uma aurora. O próprio solo, úmido e brilhante, ganhara os reflexos de tons prismáticos. Ao se virar, Roverton viu atrás de si, a uma pequena distância, a temível selva de onde ele e Deming tinham sido tão sumariamente ejetados pelas plantas carnívoras. A selva estava comparativamente quita naquele momento, mas os seus galhos e bulbos ainda oscilavam um pouco, e um som baixo e sibilado surgia de dentro dela, como o chiado de um exército de serpentes.

Roverton conseguiu se pôr de pé. Ainda cambaleava como um paciente febril e mal podia evitar cair. Sua boca estava ressequida e queimava com uma sede avassaladora e sua cabeça ribombava como um tambor. Vendo uma poça de água não muito longe, andou em sua direção, mas foi forçado a terminar a jornada de quatro. Bebeu se sentiu maravilhosamente refrescado pelo fluido escuro e amargo. Enchendo seu boné (que conseguira reter, apesar das vicissitudes dos dois dias anteriores), voltou ao seu

companheiro, conseguindo então andar de pé, e espargiu um pouco da água em seu rosto. Deming se mexeu e abriu os olhos e logo pôde beber o resto do conteúdo do boné e então teve sucesso em também ficar de pé e dar uns passos.

— Bem, qual é a atração seguinte no programa? — ele perguntou. Sua voz estava estridente e instável, mas ainda indomavelmente corajosa.

— Não tenho ideia — deu de ombros Roverton — mas eu voto por nos afastarmos o mais que pudermos dessa selva bestial.

Nem ele e nem Deming suportavam pensar no destino de Adams, ou nas coisas abomináveis que tinham visto, ouvido e sentido. Toda a experiência fora insuportável aos nervos humanos e a repulsa os enojava sempre que a lembrança subia dos limites da consciência. Resolutamente eles deram as costas à floresta carnívora e claudicaram em direção ao horizonte difuso e fumegante enfeitado por um esplendor de arco íris.

A paisagem pela qual eles então caminhavam era como o fundo de um oceano recentemente evaporado. Era uma grande planície de lama fedida, de uma consistência peculiar, que cedia sob seus pés mais ou menos como borracha ou algum tipo de tecido resistente, sem se romper. A sensação propiciada por pisá-la era incômoda e desconcertante. A cada passo, esperavam afundar em algum brejo ou areia movediça. Mas compreenderam porque não tinham sofrido nenhuma contusão ou fratura quando as árvores vivas os haviam atirado com tão irresistível violência.

Havia muitas poças de água na planície e, pelo menos uma vez, os homens foram compelidos a desviar de seu curso por um lago estreito e tortuoso. O aspecto da lama resistente era indescritivelmente monótono e não era aliviado por nenhuma vegetação ou extrusão mineral. Mas de alguma forma ele não parecia morto, mas dava a sensação de uma vitalidade adormecida, como se possuísse uma vida própria, obscura e secreta.

Os vapores partiram diante dos raios oblíquos do sol. Não muito à frente Roverton e Deming então perceberam uma elevação baixa em formato de mesa. Mesmo à primeira vista ela parecia uma ilha, e à medida que os homens se aproximaram, as características que revelou indicaram que realmente tinha sido uma. Havia marcas de ondas no solo em torno da base e, em contraste com a total esterilidade da planície, havia rochedos e formas arbóreas nas suas costas onduladas, e também eram visíveis no topo várias muralhas e monólitos arruinados, de uma arquitetura extraterrestre.

— Agora um pouco de arqueologia andromedana — comentou Roverton, apontando para as ruínas.

— Sem mencionar um pouco mais de botânica — adicionou Deming.

Ambos olharam para as árvores e plantas mais próximas com cuidado considerável e grande excitação. Elas eram de tipos similares às monstruosidades da selva, mas eram bem mais esparsas e falhadas, e havia algum outro tipo de diferença. Quando Deming e Roverton se aproximaram delas a natureza da diferença ficou manifesta. Os galhos offídicos chegavam até o chão e se deitavam sobre ele, mas estavam estranhamente imóveis e sem ação. Vistos mais de perto, estavam murchos e mumificados. Ficou evidente aos cientistas que aquelas árvores estavam mortas há muito tempo.

Não sem repulsa, Roverton quebrou a ponta de um dos tentáculos pendentes. Ele se partiu facilmente e ele descobriu que se desfazia em uma poeira fina entre seus dedos. Vendo que nada havia a temer, ele e Deming começaram a escalar a colina em direção às fantásticas ruínas.

O solo da colina, um tipo de greda cinza e roxa, era firme sob seus pés. Eles chegaram ao cume quando o sol começava a desaparecer por detrás da distante linha dos rochedos que se erguiam da planície como as cordilheiras costeiras de um continente.

Cercadas por carreiras das plantas monstruosas mortas, erguiam-se bem no centro do cume as ruínas que Roverton e Deming tinham vislumbrado desde embaixo. Elas brilhavam à luz com um lustro mortiço e pareciam feitas de algum tipo de pedra estranha, que era fortemente impregnada de metal. Eram aparentemente os restos de vários imensos edifícios e tinham as marcas de algum tremendo cataclismo que levara embora suas superestruturas e até mesmo boa parte dos pisos e fundações. Uma das paredes

conservava uma porta que era curiosamente alta e estreita, e mais larga no topo do que embaixo. Havia, também, umas janelas extravagantes bem perto do chão. Os homens se perguntaram quais seriam as características físicas da raça que erguera tais edifícios. Do ponto de vista humano, tudo a respeito daquelas ruínas era arquiteturalmente anômalo.

Roverton se aproximou de um dos monólitos. Tinha uma forma quadrada, uns doze metros de altura por dois de diâmetro e havia sido claramente mais alto um dia, pois o topo estava rachado e irregular onde teria sido quebrado bruscamente. Era esculpido no mesmo material das paredes. Uma série de baixos-relevos intercalados a colunas de letras hieroglíficas tinha sido gravada junto à base. Os baixos-relevos representavam seres de um tipo curioso, com longos troncos finos que terminavam em cada lado com uma multidão de membros com muitas juntas. As cabeças desses seres, ou o que parecia serem suas cabeças, estavam na extremidade inferior dos troncos e tinham duas bocas que se localizavam acima de uma fileira dupla de olhos. Apêndices parecidos com orelhas pendiam das bochechas. Os membros inferiores terminavam em garras como de aves e os superiores, em amplas teias em formato de sombrinha cujo uso estava além de qualquer conjectura. Roverton exclamou com espanto ao chamar a atenção de Deming para tais figuras. Se tais seres representavam uma raça extinta, ou se seus protótipos ainda poderiam ser encontrados naquele mundo bizarro, era claramente um problema insolúvel. Mas os homens logo presentiram que este mistério seria logo resolvido. E seria resolvido, eles gostassem ou não.

Os dois estavam cansados demais de seus trabalhos hercúleos para que pudessem dedicar muito tempo e energia à especulações do tipo. Encontraram um lugar abrigado em um ângulo formado pelas paredes e se sentaram. Estavam forçosamente sem comer desde a refeição que lhes fora dada pelos pigmeus ainda de madrugada e parecia não haver possibilidade imediata de encontrar o que comer. Estavam desesperados e não parecia haver nenhuma esperança de aliviar a depressão que envolvia aqueles homens condenados.

O sol já havia se posto, deixando um crepúsculo enrubescido que manchava o solo, as ruínas e as árvores mortas com uma tintura profunda de sangue. Um silêncio sobrenatural se impunha, um silêncio carregado com a sensação de um mistério estranho, o peso de uma antiguidade ultramundana que se agarrava àquelas ruínas. Os homens se deitaram e começaram a cochilar.

Acordaram simultaneamente, por um breve momento sem saber o que os acordara. O crepúsculo se tornara de um violeta vivo, embora as paredes e árvores ainda estivessem claramente discerníveis. Em algum lugar desse crepúsculo havia um zumbido estridente e irritante, que se tornava cada vez mais alto.

O zumbido chegou perto de uma vez, pairando em pleno ar. Ele crescera até um clamor ensurdecedor. Roverton e Deming viram que um enxame de insetos gigantesco, com bicos de doze centímetros, vojava em torno deles, como se não soubessem se deviam atacar. Parecia haver centenas dessas criaturas de aparência tão formidável. Uma delas, mais ousada que as outras, arremeteu-se e ferrou Deming nas costas da sua mão esquerda até que seu bico quase perfurou até a palma. Ele gritou alto com a dor e bateu no inseto com o seu outro punho. Ele arrebentou com o golpe e caiu ao chão, emitindo um fedor nauseante.

Roverton pôs-se de pé e quebrou um galho de uma das árvores. Ele o agitou contra o enxame, que recuou um pouco, mas não se dispersou. Uma ideia lhe veio e ele jogou o galho nas mãos de Deming, dizendo:

— Se você conseguir mantê-los afastados, eu vou tentar acender um fogo!

Enquanto Deming agitava sua arma ineficiente diante do exército indeciso, Roverton quebrou mais dos galhos mortos, empilhou-os e esmagou outros até virarem pó sob seus calcanhares. Então, na penumbra, achou dois pequenos fragmentos da rocha metálica na qual os edifícios haviam sido esculpidos e, batendo os fragmentos um no outro, obteve uma fagulha que caiu na pilha de poeira e a acendeu. A matéria era altamente combustível, pois em menos de um minuto a pilha de galhos estava queimando luminosamente. Aterrorizados pela luz, os insetos recuaram e os seus estrídulos logo diminuíram e

desapareceram na distância.

A mão de Deming estava então dolorosamente inchada e latejando da ferroada que recebera.

— Esses brutos teriam acabado conosco se tivessem tido a coragem de nos atacar em massa — observou.

Roverton empilhou mais combustível na fogueira, para o caso do enxame voltar.

— Que mundo! — ele exclamou — Gostaria que Volmar estivesse aqui!

Nem bem ele disse isso e ouviu-se um zunido distante no céu crepuscular. Por um momento, os homens pensaram que o enxame de insetos retornara para atacá-los novamente, mas então o zumbido cresceu até um grande rugido. Um rugido de certa maneira familiar, embora nenhum deles pudesse determinar de imediato qual memória ele tendia a evocar. Então, onde as estrelas estavam começando a perfurar os vagos céus, eles viram a forma indistinta que descia em sua direção.

— Meu Deus! Aquilo é a espaçonave? — gritou Deming.

Com um rugido final e o rangido de seus propulsores, a forma veio repousar uns quinze metros distante do fogo. A luz cintilou em seu casco metálico e revelou a conhecida escada pela qual os três amotinados tinham descido em uma noite alienígena.

Uma figura desceu pela escada e veio em direção à fogueira. Era o Capitão Volmar. Sua face estava tensa e lívida à luz da fogueira e ele parecia mais velho do que os dois homens lembravam. Ele os cumprimentou rigidamente, com um estranho traço de constrangimento em seus modos.

— Estou certamente feliz por encontrá-los — ele anunciou, sem esperar que Roverton ou Deming respondessem à sua saudação — tenho sobrevoado esse maldito planeta o dia inteiro, esperando que houvesse uma chance em um trilhão de achá-los novamente. Eu não fiz nenhum registro do local em que os deixei naquela noite, então é claro que eu não tinha ideia de onde procurá-los. Estava quase desistindo quando vi o fogo e decidi investigar.

Ele continuou:

— Se voltarem comigo, deixemos o passado no passado. Estou sem tripulação agora, e vou ter de abandonar a viagem e voltar ao sistema solar. Começamos a ter problemas com as máquinas não muito depois que eu os deixei, e dois dos homens foram eletrocutados por um curto-circuito antes que o problema fosse consertado. Seus corpos estão flutuando em algum lugar no éter agora, eu lhes dei um funeral espacial. Então Jasper caiu doente e eu estou tripulando a nave sozinho nas últimas vinte e quatro horas. Eu lamento ter sido tão precipitado com vocês, eu certamente os deixei num tipo de mundo impossível. Eu o percorri todo durante o dia, e não há nada em lugar algum a não ser mares, desertos, brejos, pântanos, selvas de vegetação maluca, um monte de ruínas desoladas e nenhuma vida a não ser insetos superdesenvolvidos, répteis e uns poucos pigmeus trogloditas nas regiões subpolares. É mesmo um portento que sequer dois de vocês conseguiram sobreviver. Venham, vocês podem me contar sua história depois que estivermos a bordo da nave.

Roverton e Deming o seguiram enquanto ele subia de volta pela escada. A escotilha se fechou por detrás dele com um estrondo que foi mais gracioso aos seus ouvidos que qualquer música. Um minuto depois a nave ascendia aos céus pela curva do crepúsculo, até que encontrou a luz de Delta Andromedæ. Então ela correu pelos abismos siderais até que o grande sol se tornou uma estrela e começou a reassumir seu lugar devido em uma constelação cada vez mais recuada.

Fim

Crédito da Capa do Exilado: <http://www.deviantart.com/art/Carnivorous-Plant-343328580>

